

atlas de **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

NÚMERO 4

ALEMANHA: POLÍTICA E ECONÔMICA

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — A partilha da Alemanha. 2 — A política do Pan-Germanismo. 3 — Relações Econômicas Brasil-Alemanha 2

EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA TCHECOSLOVÁQUIA

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Aspectos Físicos e Humanos. 2 — Antecedentes Históricos. 3 — A Independência. 4 — Condições Econômicas. 5 — A “Nova Economia-Modelo” 7

POLÍTICA EXTERIOR DA TURQUIA

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — Situação Geopolítica. 2 — A Questão dos Estreitos. 3 — Democracia e Parlamentarismo. 4 — Novos Rumos. 5 — Relações Internacionais 14

O IRAQUE NO MUNDO ÁRABE

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — O Mundo Muçulmano. 2 — Regiões Naturais do Iraque. 3 — Mesopotâmia: Aspecto Econômico e Social. 4 — Problemas Atuais: A Reforma Agrária e o Petróleo. 5 — Situação Política Atual 20

CADERNO ESPECIAL
DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA
XXIX — N.º 4

ALEMANHA: POLÍTICA E ECONOMIA

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafo do IBG.

1 — A Partilha da Alemanha

A questão da Alemanha começou a ser discutida pelos aliados ainda durante a 2.^a Grande Guerra. Na *Conferência da Criméia* (fevereiro de 1945) ficou decidido que a Alemanha seria dividida em *zonas de ocupação*. A *Conferência de Postdam* (agosto de 1945) conseguia subtrair da Alemanha um total de 24% de seu território, cabendo à Rússia a maior parte da Prússia Oriental e à Polônia, um território de 114 300 km a leste da linha Oder-Neisse; para atender a política francesa, o Sarre era isolado por um cordão aduaneiro. As amputações territoriais efetuadas em Postdam determinaram uma deportação em massa de alemães estabelecidos nestas regiões há vários séculos, sendo esse número estimado entre 15 e 20 milhões. É claro que na referida Conferência deveria falhar a *idéia da unificação econômica da Alemanha*, amputada em territórios e dividida em zonas de ocupação.

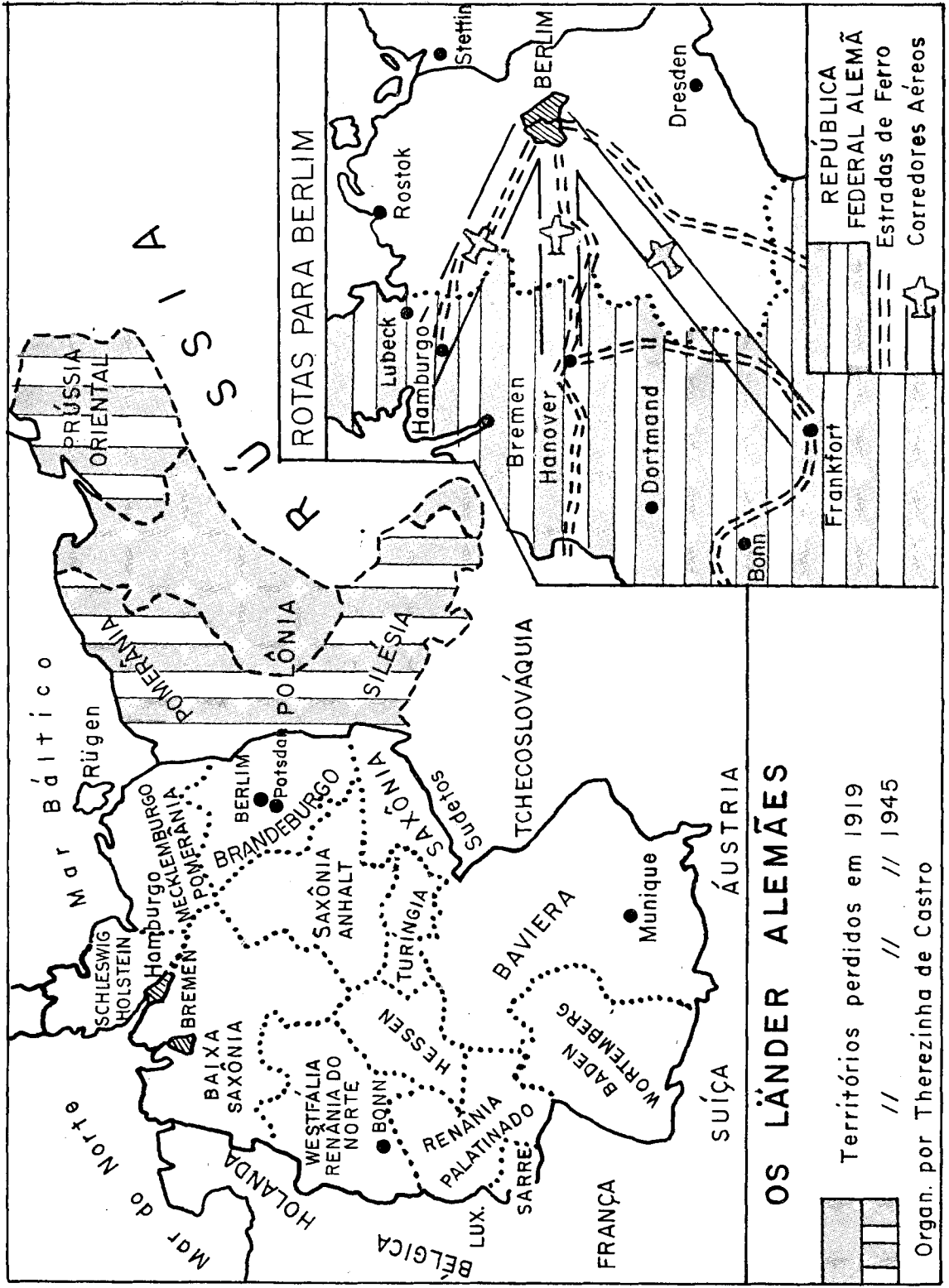
A sorte de *Berlim*, cognominada a "Atenas do Spree", pelo papel preponderante que desempenhava na vida econômica, científica e artística do país, fôra também definida; o *Protocolo de Londres* (setembro de 1944) considerou-a como território distinto da própria Alemanha, devendo por isso ser administrada pelas potências ocupantes. Embora ainda teoricamente existam 4 zonas na cidade, há na realidade a *Berlim-Oeste* (481 km²) e a *Berlim-Leste* (402 km²); a primeira em poder dos ocidentais e a segunda com os russos. O órgão unitário que atuava em *Berlim*, dirigido por chefes

dos exércitos ocupantes através do Conselho Supremo de Contrôlo, falhou graças à Rússia que retirou daí o Marechal Sokolovski, seu representante. Dêste modo, conclui Oliver Onody: "Os Estados Unidos, que naquele tempo ainda possuíam supremacia absoluta no campo militar, aceitaram, sem protesto, o fato consumado, tratando de organizar a parte ocidental do país em estado independente e americanizar sua vida econômica e social." Por sua vez, a Rússia conservava sob sua esfera a parte oriental da Alemanha, um dos pontos chaves na política de unificação da Eurásia, dentro do conceito de Estados-Satélites.


Em sua conjuntura atual, o *problema geopolítico da Alemanha* resume-se num profundo abismo entre duas forças antagônicas. Sente-se na ainda irrealizada unificação alemã, apenas o choque de ideologias políticas, cada qual lutando pelo triunfo do seu ponto de vista. Interessaria à Rússia uma Alemanha unificada, se atrás dela estivesse a certeza de que a nova nação constituída viveria na órbita comunista.

Após a Conferência de Londres, (1948) os Estados Unidos, França e Inglaterra decidiram-se pela *instalação de um governo na Alemanha Ocidental* e elaboração de um estatuto para o Ruhr. Estabelecido um governo interino e convocadas eleições legislativas davam-se os primeiros passos para o nascimento da *República Federal Alemã*, com sede em *Bonn* (1949). Na mesma época, a zona soviética era transformada em *República Democrática Alemã* com sede em *Berlim Oriental*.

Em 1870, quando Bismarck realizou pela primeira vez a unificação da Ale-



OS LÄNDER ALEMÃES


 Territórios perdidos em 1919
 // // 1945
 Organ. por Therezinha de Castro

manha, vendo as dificuldades políticas, tratou de atacar o problema sob o ângulo econômico; o *Zollverein* ou união aduaneira foi assim, a primeira etapa da unificação, ficando o pan-germanismo para depois. Referindo-se aos princípios econômicos, o Acórdo de Postdam diz que: "durante o período de ocupação, a Alemanha será tratada como uma única unidade econômica". Sabe-se que a cláusula não foi até hoje posta em vigor, apesar de ser a Alemanha, por sua posição central, uma zona de trânsito obrigatória não só das grandes correntes econômicas como também culturais européias. Por isso, a política seguida hoje pelos alemães está sendo outra; a Alemanha está dividida em duas repúblicas inimigas, no entanto, de ambos os lados desta fronteira já existem alemães que pensam na unificação.

2 — A Política do pan-germanismo

As reuniões e congressos políticos realizados nêstes últimos anos na República Federal Alemã, têm evocado entre outras causas — a da *unificação e a das fronteiras perdidas em 1945*. Para que êsses encontros tenham maior importância e melhor ação, costumam seus realizadores atrair para êle alguma pessoa de prestígio. Na reunião realizada em 1967 conseguiram a presença de *Kiesinger*, chefe do govêrno da República Federal Alemã, bem como de *Brandt*, ministro das Relações Exteriores. O objetivo dêsses dois políticos foi o mesmo, diante das reivindicações dos expatriados das províncias orientais — o de se baterem afim de resgatar tudo o que puderem para a Alemanha pois, segundo êles, a questão dessas fronteiras só pode ser resolvida através de um tratado firmado por um *govêrno representativo pan-germânico*.

Tentam por outro lado se aproximar da República Democrática Alemã, procurando por todos os meios diminuir a tensão entre os dois territórios alemães através de modestos intercâmbios econômicos e culturais. É pensamento de *Ulbricht* que, para a unificação da Alemanha torna-se necessário

antes de tudo que todos os alemães do oeste estejam sinceramente convertidos ao socialismo e, que contem antes de tudo com a proteção incondicional da Rússia. Já *Kiesinger*, embora afirmando desejar manter-se em boas relações e cooperação com os Estados Unidos, defende uma política externa independente para a República Federal Alemã. Com a saída da França da OTAN, a Alemanha Ocidental adquiriu, por sua posição uma importância excepcional na defesa do Atlântico Norte.

Para os alemães independentes, que visam unicamente a unificação da Alemanha, a esperança é de que êstes líderes se reconheçam, jurídica e politicamente *afastando-se de suas posições pró-ocidente e pró-soviéticos*. Nesta última corrente, o escritor *Gunter Grass* vem sugerindo que os alemães renunciem ao conceito unitário do Estado, encarando a *fórmula federativa*. Completa-lhe a idéia, uma *Confederação de Estados Alemães* à semelhança da Suíça, englobando os 5 *lander* da República Democrática Alemã e os 10 da República Federal Alemã (vide quadro estatístico n.º 1). Esta solução poderia contar com o apoio tanto da Rússia quanto das potências ocidentais que poderiam assim assinar o tratado de paz com a Alemanha, ainda em pendência.

3 — Relações econômicas Brasil-Alemanha

Remontam aos dias coloniais as nossas relações comerciais com a Alemanha, intensificadas após a independência através das *ciudades hanseáticas e do 1.º tratado de Amizade, Navegação e Comércio* assinado por Pedro I (1827). Unificada por Bismarck, a Alemanha continuou a participar do comércio interior do Brasil, sofrendo ligeiras interrupções nos períodos das duas Grandes Guerras Mundiais, nas quais lutamos em campos opostos (vide quadro estatístico n.º 2).

Um dos passos essenciais para a manutenção dêste intercâmbio comer-

cial, foi o nascimento da *Câmara de Comércio Teuto-Brasileira* tendo em vista a proteção das firmas alemães estabelecidas no Brasil; a finalidade era a de salvar algumas firmas que trabalhavam para o progresso do país, mas que poderiam ser prejudicadas pela "lista negra" instituída pelo governo em 1915, como medida de sua guerra econômica contra a Alemanha. Com a entrada simbólica do Brasil na 1.^a Guerra Mundial, a Câmara foi obrigada a suspender suas atividades.

Terminada a guerra, a Câmara procurou não somente fomentar o comércio entre o Brasil e Alemanha, como também trabalhou no sentido de reatar as relações diplomáticas entre os dois países. A *crise econômica mundial* (1929-30) fez decair o comércio entre os dois países. O Brasil encaminhou-se então para a policultura e já em 1938, em vésperas da 2.^a Grande Guerra, o nosso comércio com a Alemanha estava estabilizado apresentando as cifras mais altas tanto no setor da importação como no da exportação (vide quadro estatístico n.º 2). No 2.º conflito, antes da entrada do Brasil na guerra, o comércio com a Alemanha foi prejudicado em face do *bloqueio inglês*. Em 1942 as atividades da Câmara de Comércio Teuto-Brasileira tiveram que ser suspensas com a entrada do Brasil na guerra contra Alemanha.

A divisão da Alemanha em 4 zonas de ocupação dificultou de certo modo o reatamento de nossas relações comerciais com os alemães, embora importadores brasileiros de aparelhos óticos de alta precisão tivessem mantido um difícil intercâmbio. O comércio na época era realizado com fábricas estabelecidas no setor ocupado pelos estadunidenses; daí o *intercâmbio indireto* por via aérea realizada da Alemanha para os Estados Unidos e dêste para o Brasil. Tal situação intermediária, levou a Câmara de Comércio Teuto-Brasileira a reincetar suas atividades e, graças a boa vontade do Itamarati, concluíamos entre os anos de

1952-57 o *reatamento das relações diplomáticas* com a *República Federal Alemã*.

Para que funcione bem um *sistema bilateral de comércio*, torna-se necessário um equilíbrio na balança comercial entre as importações e exportações. Tal fato não estava se processando em nosso comércio com a Alemanha, onde as *importações eram sempre maiores que as exportações*. Por esta razão, afim de estudar o que havia de errado nessas relações, o governo da República Federal da Alemanha enviou ao Brasil uma missão econômica. Observou essa missão que a Alemanha classificava-se como o 2.º país (depois dos Estados Unidos) importador de produtos brasileiros. No entanto, essas importações se limitavam a *produtos primários* incluindo o café, cacau, sisal, algodão, óleos vegetais e, sobretudo o minério de ferro que vai alimentar os altos fornos alemães. A *desigualdade da balança comercial* está justamente nos produtos que recebemos da Alemanha, de maior valor dos que os que com esse país trocamos. Apesar da Alemanha figurar em nossas estatísticas como o nosso 5.º *fornecedor em volume* (depois dos Estados Unidos, Argentina, Venezuela e Rússia, nossos abastecedores de trigo e petróleo), seu saldo conosco é sempre positivo na balança comercial, pois de lá nos exporta máquinas, equipamentos e produtos químicos.

Assim, concluimos que o comércio Brasil-Alemanha apresenta-nos na maioria das vezes um *saldo desfavorável* (vide quadro estatístico n.º 3), por se tratar de intercâmbio entre um país exportador de matérias primas por excelência cujo valor monetário não pode concorrer com as vendas de um país industrializado por excelência.

Se observarmos nossas estatísticas de exportação (1966) o volume aumentou em 167,0% e o valor em apenas 25%. Esse volume é representado por produtos de baixo valor no mercado

e que sofrem também as flutuações dos preços internacionais. O minério de ferro, por exemplo, produto que figura em nossa balança comercial com a Alemanha, teve seu preço médio avaliado em U.S.\$ 13,55 por tonelada em 1957, já em 1966 o seu valor havia caído para U.S.\$ 7,79. O café, produto base de nossas exportações, sofreu a mesma redução; exportamos 14,3 milhões de sacos em 1957 no valor de U.S.\$ 845,5 milhões subindo para 16,8 milhões em 1966, enquanto seu valor monetário baixava para U.S.\$ 764 milhões. Essas quedas de preço são decorrentes da competição que se trava no mercado, pois inúmeros são hoje os exportadores de café e minério de ferro.

Por outro lado, os produtos que lançam a Alemanha no comércio exportador se mantiveram ao longo do período 1957-66 com ligeiras oscilações, daí sua estabilidade na balança mercantil.

Apesar da balança comercial Brasil-Alemanha ser considerada para o nosso lado, negativo, o balanço de pagamentos é na realidade positivo; isto porque a República Federal Alemã, para compensar, concedeu-nos créditos de financiamento e realizou vultosas inversões. No período 1952-66, no setor dos investimentos privados, os alemães compareceram com 18%, colocando-se em 2.º lugar entre os países que investiram no Brasil, sendo precedidos apenas pelos Estados Unidos. Cerca de 1/3 do total dos investimentos alemães feitos em países em desenvolvimento, foi destinado ao Brasil; do total dos investimentos alemães (235 milhões de marcos alemães) foram dirigidos às indústrias de máquinas, metalurgia e automóveis. Só a Volkswagen do Brasil, responsável por 66,6% dos carros de passageiros produzidos em nosso país possui um capital social de NCr\$ 98,1

milhões, contribuindo num total de 13 108 emprêgos ativos.

(agosto de 1967)

QUADROS ESTATÍSTICOS

1) Os Länder Alemães

REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ	Extensão (Km ²)
1 — Scheleswig-Holstein.....	15 658
2 — Hamburgo.....	747
3 — Bremen.....	404
4 — Baixa Saxônia.....	47 392
5 — Westfália-Renânia do Norte..	34 045
6 — Hessen.....	21 109
7 — Renânia Palatinado.....	19 831
8 — Baden-Wurtemberg.....	35 750
9 — Baviera.....	70 550
10 — Sarre.....	2 567
TOTAL.....	258 053

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA	Extensão (Km ²)
1 — Mecklemburgo, Pomerânia....	22 938
2 — Brandeburgo.....	27 976
3 — Saxônia-Anhalt.....	24 669
4 — Saxônia.....	16 992
5 — Turingia.....	15 598
TOTAL.....	108 173

2) Comércio Brasil-Alemanha

ANO	Importações Brasileiras provenientes da Alemanha %	Exportações Brasileiras destinadas a Alemanha — %
1872-73.....	6,84	7,63
1901.....	9,42	14,81
1910.....	15,89	11,83
1921.....	8,04	9,51
1930.....	11,38	9,11
1938.....	24,99	19,06
1951.....	5,57	4,78

3) Balança Comercial Brasil-Alemanha (em milhares de dólares)

ANO	Exportação	Importação	Saldo
1957.....	83 288	127 214	— 43 926
1958.....	78 569	141 275	— 62 706
1959.....	86 067	140 595	— 54 528
1960.....	89 941	135 859	— 45 918
1961.....	114 003	140 744	— 26 741
1962.....	109 661	152 063	— 42 402
1963.....	111 564	134 264	— 22 700
1964.....	133 594	103 264	+ 30 330
1965.....	141 254	96 286	+ 44 968
1966.....	113 560	134 671	— 1 111

FONTES: Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda — BC/Semanal n.º 280 — Revista Brasileira de Política Internacional n.º 17 — The Statesman's Year Book (1966-67).

EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA TCHECOSLOVÁQUIA

DELGADO DE CARVALHO

1 — Aspectos físicos e humanos

A Tchecoslováquia é um país formado de três regiões naturais distintas: A *Boêmia*, a *Morávia* e *Slováquia*. Politicamente, são dois Estados que estão unidos há meio século. O primeiro, a *Boêmia-Morávia*, e *Alta Silésia* libertou-se em 1918 do domínio austriaco; o segundo, a *Slováquia-Rutênia* livrou-se, na mesma ocasião, do domínio húngaro. Neste meio século de união, porém, variaram algumas vezes os limites do Estado; a última solução, privou-o da Rutênia. Nas condições atuais é um país pouco menor do que o Ceará, mas em população quatro vezes maior. Tinha 15 400 almas antes da guerra, contava 12 milhões em 1946; atualmente, está com cerca de 14 milhões de habitantes. Nos primeiros anos de sua existência de Estado independente, a Tchecoslováquia era povoada de 8 760 *tchecoslovacos*, de 3 123 *alemães*, de 747 *magiares* e mais de 500 mil *rutênios* e *poloneses*; tem atualmente seu contingente alienígena reduzido cerca de 6% de um total superior a 30% que era. Esta situação resulta da saída de elementos alemães e da perda da Rutênia (Ucrânia subcarpática) povoado de elementos russos.

Sob o ponto de vista físico, o relevo de Tchecoslováquia resulta da resistência que um bloco hercíniano, o *Maciço da Boêmia*, opôs aos dobramentos alpinos que inflexionaram para formar o grande hemicírculo dos Cárpatos dominando a planície polonesa. Aquêlo bloco hercíniano constitui o quadrilátero da *Floresta Boêmia*, dos *Montes Metálicos*, dos *Sudetos* e das *colinas da Morávia*. A leste das colinas, a *Porta da Morávia* abre passagem,

entre o maciço da Boêmia e os Cárpatos, para as planícies que levam ao Danúbio. Foi o principal roteiro das invasões *slavas* que serviu aos tchecos e aos iugoslavos, slovenos e croatas quando abandonando as planícies pantanosas do Vístula e do Pripet, emigraram para a Boêmia e as regiões danubianas, em meados do século V de nossa Era. Os Cárpatos também oferecem passos que serviram, como os do *Jablonkooki* e do *Dakla*, às invasões dos magiares e dos rutênios. O maciço carpático mais importante da Slováquia é o *Tatra*, grandes partidas de águas, onde nascem os rios que se destinam ao Mar Negro e ao Báltico (pelo Vístula e pelo Danúbio). Quanto aos rios tributários do Mar do Norte (Elba Moldam, Eger,) são oriundos do Maciço da Boêmia.

O clima continental moderado da Tchecoslováquia é diversificado pelo relevo. As depressões regionais da Boêmia e da Morávia apresentam fortes amplitudes térmicas.

As chuvas aí são fracas, mas, nas orlas montanhosas da Boêmia e dos Cárpatos são maiores as precipitações; daí a riqueza florestal que cobre mais de 33% da superfície do país. Na vertente meridional dos Cárpatos e na planície danubiana, prevalece climas mais brancos, embora com invernos e verões muito quentes.

2 — Antecedentes históricos

Antes das migrações *slavas* que entrando pela Porta da Morávia, e ocupando o quadrilátero boêmio, se tornaram sedentárias, pelo mesmo caminho tinham penetrado tribos *celtas* e tribos *germânicas* que se dirigiram para o oeste. No século IX, depois do declí-

nio do império de Carlos-Magno, chegou a se constituir a *Grande-Morávia*. Marcou época esta monarquia com os seus príncipes como *Rostislavo* que, em 863, chamou os apóstolos tchecos *São Cirilo* e *São Nertodo* e como *Borivoi* e sua espôsa *Ludmila* que se fizeram batizar, introduzindo o cristianismo na Europa Central.

O que caracterizou, entretanto, toda a história dos tchecos foi a luta perpétua que tiveram de sustentar contra os Alemães e seus ocasionais aliados magiares. De fato, a Boêmia é geograficamente um bloco avançado que, na Europa Central, se engasta nas terras germânicas, entre a Saxônia, a Baviêra e a Áustria. A fatalidade da luta (que durou até os tempos presentes) também destinava a Tchecoslováquia a se estender, nas suas fases heróicas, para a bacia danubiana, para a Áustria, a Stéria, a Coríntia e até o Adriático.

A Boêmia teve a sua dinastia nacional, os Pramislidas, entre os quais o príncipe *Vladislavo II* obteve do Alemão, Henrique IV, o título hereditário de rei. Foram célebres alguns de seus sucessores que procuraram constituir os diferentes grupos étnicos tchecos em uma Nação. Entre eles destacou-se *Otokar II* que levou o seu reino ao apogeu, abrangendo a Áustria, alcançando os Alpes e o Adriático.

A infiltração de elementos germânicos tinha sido constante, mas com o advento dos *Habsburgos*, ao trono imperial da Alemanha, as rivalidades multiplicaram os conflitos sendo intensificadas a germanização da Boêmia. Com *Venceslau III* vítima de um assassinato, extinguiu-se a dinastia primitiva em 1306. Com a imperial casa de *Luxemburgo* da qual três imperadores foram reis da Boêmia, conheceu o país nova fase gloriosa, principalmente sob o reinado de *Carlos IV*, fundador da *Universidade de Praga*. Foi também se tornando mais importante a entrada de alemães com todos os seus elementos de cultura. A reação contra esta intensa germanização, foi o surto de nacionalismo que

alimentou a revolta da nação tcheca quando o reformador *João Huss* foi queimado no Concílio de Constança, em 1416. Filósofo liberal, Huss havia pregado independência cultural, liberdade de consciência, uso da língua tcheca, limites à autoridade de Roma, e certas reformas que os católicos da época condenavam. O resultado foi a *Guerra Hussita* que durou quinze anos, desorganizando e empobrecendo a Boêmia.

Com a vitória da causa tcheca, e a extinção da Casa de Luxemburgo, a nobreza se tornou poderosa, passou a dispor praticamente da coroa por escolha ou eleição, tanto que reis poloneses, os *Jagellores* reinaram em Praga antes do trono cair nas mãos de outro Habsburgo, *Fernando da Austria*, irmão de Carlos V (1526). Quando as "*Cartas de Majestade*", garantidoras de liberdades tchecas, foram violadas pelos Habsburgos, um apêlo foi feito ao *Eleitor Palatino* para governar a Boêmia. Começou o conflito armado contra os imperiais, mas os tchecos foram vencidos na Montanha-Branca, em 1620. Era o início da *Guerra dos Trinta Anos* que tantas devastações causou na Europa Central.

Durante os dois séculos que seguiram os *Tratados da Westfália*, a Boêmia, a Morávia e a Slováquia ficaram incorporadas ao *Império Austro-Alemão*, sob o regime absolutista, germanizante e raramente "esclarecido" como o reinado de *José II* (1780-90).

De fato, duzentos anos depois dos referidos tratados, a atmosfera revolucionária da Europa Central de 1848, levou os tchecos a reunir um *Congresso em Praga* e a reivindicação não a separação, a *autonomia* e a união sob *forma federativa*. A agitação popular determinou a intervenção militar e nada foi obtido pela nação tcheca que teve de esperar mais setenta anos a solução de seu problema nacional.

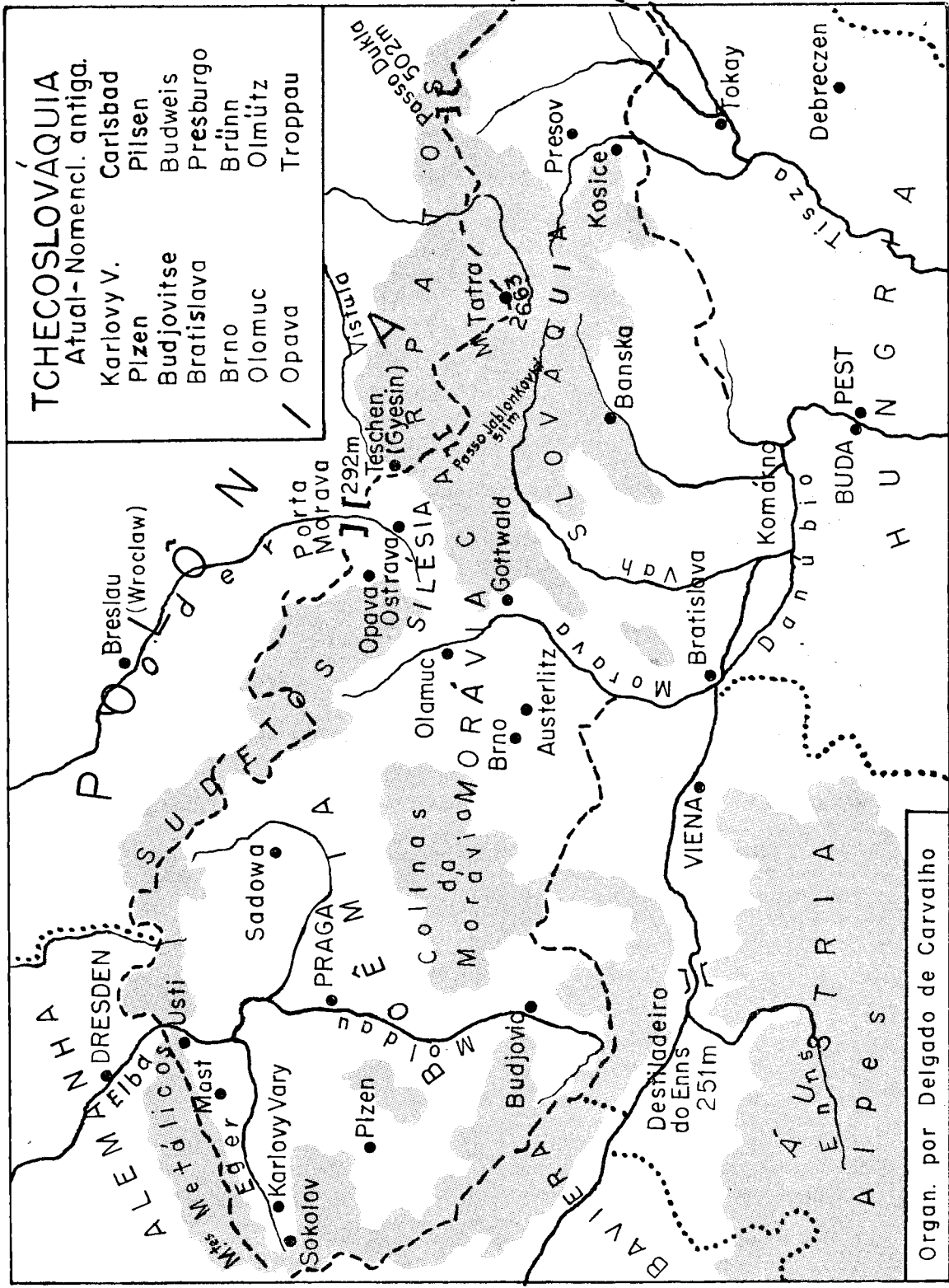
3 — A Independência

Nesta longa fase de domínio austro-húngaro de regime centralizador e absolutista, slovacos e tchecos nunca

TCHECOSLOVÁQUIA

Atual-Nomencl. antiga.

- Karlovy V. Carlsbad
- Plzen Pilsen
- Budjovitz Budweis
- Bratislava Presburgo
- Brno Brünn
- Olmuc Olmütz
- Opava Troppau



Organ. por Delgado de Carvalho

abandonaram a idéia de tirar partidos, em momentos de crise, para conseguir autonomia ou mesmo independência. Em 1912-13, os resultados das guerras balcânicas não deixaram de ser um exemplo animador. A primeira *Guerra Mundial* provocada pela monarquia austro-húngaro oferecia pois, uma ocasião de outras libertações políticas. Em conseqüência, iniciaram os tchecos no exterior uma sistemática *ação diplomática de propaganda* de sua causa. Foram logo para o estrangeiro os mais ameaçados próceres do movimento anti-austriaco. Com *Tomas Masarik* em Londres e *Eduardo Benes* em Paris organizaram-se comissões tchecas e, por fim, constituiu-se o Conselho Nacional Tcheco destinado a ser, mais tarde, o primeiro govêrno provisório, com Masarik na presidência.

Por ocasião do conflito, já tinham emigrado grande número de civis e de militares. Foram reconhecidas pelos govêrnos de Entente as autoridades emigradas e foram formadas *legiões tchecas* que serviam nas fôrças aliadas. Na Rússia, porém, houve hesitações em aceitar a cooperação destas fôrças. Depois do Congresso Socialista de Stokolmo em 1917, os russos libertaram os tchecos prêsos nas unidades austro-húngaras. Foram êstes encaminhados para Vladivostok, para daí irem à França. As fôrças tchecas, em vista da revolução russa, ficaram ocupando a *Sibéria* e impedindo o abastecimento dos revolucionários em matérias primas e víveres.

A 30 de outubro de 1918, o Conselho Nacional Slovaco pronunciou a sua adesão á unidade tcheco-slovaca. Reuniu-se em novembro a primeira *Assembléia Nacional* de 256 membros, à qual não compareceram os alemães. Masarik assumiu a presidência, ficando Benes com a pasta do Exterior e Stefanik com a da Guerra. Quando se tratava da delimitação de fronteiras, os alemães procuraram obter sua união com a Áustria e os magiares com a Hungria. Na realidade, a Tchecoslováquia se constituía em nação independente mas com fortes *contingentes*

alienigenas, sendo 22% de elementos alemães, com predominância nos Sudetos (32%), 5% de elementos magiares e 3% de rutenos.

4 — Condições econômicas

Três circunstâncias históricas são lembradas por Jean Chardonnet (*Les Grandes Puissances*) para definir as *condições* econômicas da Tchecoslováquia. Em primeiro lugar o papel que coube á Boêmia-Morávia no império austro-húngaro; em segundo lugar, a influência mais ativa que sôbre ela exerceram os países do Ocidente e principalmente a Alemanha, e, por fim, o considerável movimento de *industrialização* promovido pela Alemanha de Hitler nos "protetorados" Boêmia-Morávia, de 1939 a 1944. De tóda a Europa Central, foi incontestavelmente a Tchecoslováquia que, em seguida á sua independência, maiores contatos econômicos manteve com o Ocidente, especialmente com o capital estrangeiro.

Não foram apenas as questões da integração dos três milhões de alemães no Reich que levaram os Najis a violar o acôrdo de Munique, ocupando a Boêmia-Morávia. Tratava-se de ocupar posições estratégicas em vésperas da Guerra que se preparava. O quadrilátero boêmio representa, de fato, uma imensa fortaleza no centro do continente, onde além da defesa podem nela ser concentradas tódas as *indústrias de guerra*. Foi na realidade, o que aconteceu para maior segurança da produção de material bélico. "Quem domina a Boêmia, já havia dito Bismarck, domina a Europa", Êste conceito geopolítico também inspirou a estratégia nazista. Daí o proveito que tirou a terra tchecoslovaca para a sua rápida industrialização.

A 28 de outubro de 1968, a Tchecoslováquia celebrará o meio século de nação independente. A história dêstes cinquenta anos apresenta fases distintas marcadas pela *presidência de Masarik*, pela *ocupação nazista* e pelo advento do *comunismo*. A primeira destas fases foi a de uma república de-

mocrática e constitucional de tipo ocidental. O patriota que havia consagrado a sua vida à causa tcheca chegou à presidência aos 68 anos e realizou uma obra de integração das diferentes províncias, de legislação social e de desenvolvimento econômico, com a colaboração das classes médias e dos socialistas. A organização do trabalho já revelava 70% de suas forças dedicadas à *indústria*, ao *comércio* e aos *transportes*: não lhes faltava pois, experiência para a direção da produção e do intercâmbio.

Dispondo de solos ricos, as planícies tchecas e moravias, cobertas de *lesões* e de elementos vulcânicos produzem em quantidade *trigo*, *aveia*, *centeio* e *cevada*; também são importantes na sua agricultura, a *batata* e a *beterraba*. Os recursos de seu subsolo, entretanto, mantêm suas principais riquezas: o *carvão* é encontrado em várias bacias (Ostrava-Karvina) a linhite apresenta grandes jazidas (Most e Falknow, perto de Karlovy-Vary). Possui também o país minérios de *ferro*, de *grafite* e *urânio*, em Jachymor, cuja mina proporcionou ao casal Curie a descoberta do radium. Calcula-se em cerca de nove bilhões de Kw. o *potencial hidrelétrico* anual, do qual só 20% é aproveitado. Há *petróleo* na *Morávia*, mas o suprimento principal é pelo oleoduto que o traz da Rússia.

Com o decênio que coincidiu com a preponderância alemã e a ocupação do país, modificaram-se as condições econômicas. Industrialmente foi um progresso: os nazistas lá encontravam a *mão-de-obra alemã* e para lá *transferiram várias indústrias* fornecendo material, técnicas e técnicos, mão de obra qualificada; os elementos *israelitas*, porém, foram afastados por desconfiança embora tivessem tido papel importante no comércio e na exportação do ex-império.

Quando, com a vitória dos Aliados, foi derrubado o nazismo o quadro econômico mudou totalmente. A Tchecoslováquia não havia sofrido grandes perdas na Segunda Guerra Mundial e, em suma, herdara muitas empresas in-

dustriais abandonadas pelos alemães expulsos. Como revindita dos humilhantes dispositivos de Munique, livrou-se novamente dos seus três milhões de teutos, mas desta vez, ficando com os territórios por eles ocupados. Privava-se assim o país de valiosa mão de obra e de experientes *chefes de indústrias* e *administradores*. Quando, recuperada a sua independência, a República estava reorganizando a sua vida econômica e cuidando de novo equilíbrio nas suas atividades produtivas, sob um novo regime político, o seu governo aceitou a cooperação do Ocidente, sob forma do *Plano Marshall* (1947). Com a oposição da Rússia que lhe reservava outros destinos, a Tchecoslováquia desistiu do auxílio americano, renunciando assim a uma injeção de 10% do valor de sua receita nacional para a modernização de seu aparelhamento econômico e de sua tecnologia.

5 — A “nova economia-modélo”

Com outras repúblicas da Europa Central, a Tchecoslováquia entrava política e economicamente no *mundo socialista*, geralmente designado sob o nome de Comunismo. Foi elaborado em 1948, um vasto programa de integração econômica de acordo com a articulação do bloco soviético que abrangia a Europa Oriental e Sudeste. Os técnicos que se incumbiram da execução deste programa eram mais provecos em sociologia marxista do que em economia clássica e, em muitos casos, não respeitavam a *estrutura complexa* da economia tchecoslovaca. O objetivo a que os planejadores visavam foi amplamente alcançado: em quinze anos o país proluziu quadro vezes mais eletricidade, fertilizantes e material de construção, três vezes mais aço, cimento e linhite, e quase dobrou a produção de carvão, papel e cerveja. (Vaclar E. Mares-Czechoslovakia's Half Century). Mas, estes planejadores falharam na realização da parte agrícola da produção (a não ser produção de vegetais necessários como matéria

prima de indústrias). O país perdeu a sua tradicional auto-suficiência em produtos de alimentação.

A estrutura rural, criada pelas reformas de 1919-1920, havia dotado o país de uma verdadeira *democracia agrária*. Por isso, pouco influiu o regime socialista adotado em 1945, a não ser na expropriação de alemães e de húngaros. Tornando-se o Estado único proprietário, cedeu pequenos lotes (até 10 hectares) às famílias rurais. Foi assim pouco sensível a evolução para o *coletivismo*. As fazendas do Estado (Sovkhoses) se dedicaram principalmente à criação. Por sua vez, o capital industrial e comercial foi quase totalmente *nacionalizado* para facilitar o planejamento, ficando o setor privado reduzido a 8% mais ou menos. Um plano inicial bienal foi sucedido pelo plano quinquenal 1949-1953. Mas a falta de braços, a falta de adubos, a redução da produção e a mudança dos contatos comerciais, do Ocidente para o Oriente, rompiam o equilíbrio econômico e o sacrifício da *indústria de consumo* em favor de *indústria pesada*, levava a Tchecoslováquia a importar gêneros alimentícios e matérias primas que nem sempre eram encontrados nos mercados das democracias populares.

Depois da morte de Stalin, reinou uma sensação geral de alívio, mas é curioso notar, que o processo de “destalinização” foi mais lento na Tchecoslováquia. Quando se iniciaram os debates *livres* à cerca da situação econômica, depois de 1960, os inovadores foram denunciados como *revisionistas* e adeptos do liberalismo ocidental. Os economistas da nova geração, porém, prosseguiram nas suas críticas, embora suspeitos ao partido da velha guarda. Convidados a apresentarem um planejamento de rejuvenescimento econômico, apresentaram à *Comissão Central do Partido*, a sua “Nova Economia-Modelo” em 1965. A ideologia e as posições ameaçadas pelo projeto recorreram a táticas de retardamento. Com os retoques de 1966 e 1967 foi fixado para 1968 o início da N. E. M.

Para facilitar a aceitação de seu plano, *Ota Šik*, uns dos principais autores preveniu que a política a seguir abandonava a “insana política igualitária de remuneração, produto de espírito igualitário dos pequenos burgueses”. Outro colaborador do plano *Oldrich Cernik* provava que as reformas não estavam em contradição com as teorias de Marx sobre mercados, que admitem a “perpétua mudança de tôdas as coisas e fenômenos do mundo”.

Com as devidas ressalvas, o plano N. E. M. consiste essencialmente em reduzir o papel das autoridades centrais incumbidas da execução dos planos quinquenais. Ficam assim as *empresas individuais* livres das instruções mais minuciosas do centro para os seus administradores terem maior autonomia nas decisões. As empresas deverão ser agrupadas em *organizações econômicas industriais*. O lucro passará a ser o indicio do trabalho feito. Os administradores procurarão alcançar o *preço mínimo* para entrar na concorrência internacional. Não ficará mais livre de *juros* o capital necessário à operação; cada empresa pagará os interesses dos *empréstimos* levantados. Os preços reais serão reajustados aos custos da produção. O *comércio exterior* deverá ser desenvolvido e o auxílio dos capitais estrangeiros aceitos, principalmente no que diz respeito ao aparelhamento. Já a linha aérea Tcheca está se preparando para entrar no tráfego do Atlântico Norte visando Nova York e Montreal, contando com os trezentos mil tchecos que residem na América.

O presidente da república *Antonin Novotny*, comunista que sobreviveu aos expurgos estalinistas, como presidente do *Presidium do Partido*, tem dado apoio a ambos os grupos que discutem as reformas. Está no cargo supremo há dez anos e não cogita de se incompatibilizar com o lado vencedor na discussão. Uma das feições interessantes a observar no momento tchecoslovaco atual é a atitude decidida e corajosa, dos *intelectuais* e da *imprensa*. O órgão do Partido limita-se a constata-

tar as “tendências inquietantes” que se manifestam em oposição às opiniões convencionais. De fato, o monopólio do poder e da repressão está escapando às mãos dos líderes, pois os “jovens” encontram apoio no povo; já passou na Tchecoslováquia a fase do “culto da personalidade” e vários escritores, historiadores e juristas estão se desdizendo a respeito do que haviam escrito no passado estaliniano.

Este período de transição que precede à aplicação do N. E. M. não deixa de apresentar muito interesse para o Brasil. Em seguida à *missão de Paulo Egídio* à Praga, veio ao Brasil *Ludvik Ubl*, ministro do Comércio da Tchecoslováquia, e assinou com *Edmundo Ma-*

cedo Soares um “Acôrdo de Comércio e Pagamento”. Foi simplificado o *sistema de conversibilidade monetária*; um crédito global considerável foi eventualmente proposto para o BNDE; a colaboração da *indústria tcheca* (que já forneceu material à Petrobrás) foi estudada para *investimentos* na nossa siderurgia e em outras indústrias (cimento, fertilizantes, couros).

Outros países do bloco soviético não deixarão de observar além da atitude conciliante da Rússia, as feições liberais que podem seguir, em sua evolução econômica, Estados socialistas com Nações de tradições capitalistas.

POLÍTICA EXTERIOR DA TURQUIA

DELGADO DE CARVALHO

1 — Situação geopolítica

Poucos países como a Turquia ocuparam maior variedade de territórios nos três continentes do denominado “Antigo-Mundo”; poucos mudaram tantas vezes de limites. O geógrafo inglês Dudley Stamp chamou a Turquia de “Umbral da Ásia”; o geógrafo americano George Cressey a definiu “Uma miniatura de continente”. De fato, é um país cercado de três lados pelos mares (Mediterrâneo, Egeu e Mar Negro) e totalmente circundado por montanhas. Seu interior é formado de planaltos semi-áridos (Anatólia e Armênia). Em consequência, esta massa continental tem as suas variações sazonárias de pressão própria. Suas orlas costeiras são acessíveis, principalmente do lado do Egeu, bem cedo frequentadas pelos Gregos da antigüidade; o interior, porém, orlado de cordilheiras como os Montes Pônticos no norte e o Taurus no sul, é de mais difícil acesso. Como península, a Turquia lembra a Ibéria; como planalto, lembra o Turquestão russo, como litorais lembra os tipos mediterrâneos, mesmo no Mar Negro.

A Turquia atual ocupa pois a península dita de “Ásia Menor” que é a entrada natural da Ásia e que serviu a inúmeras tribus, hordas, gentes e nações, em correntes opostas, a invadir ambos os continentes asiático e europeu. Estas passagens seguidas de destruições, de desflorestamento determinaram uma erosão excessiva do solo agrícola, levado pelas chuvas para as planícies aluviais que orlam o planalto.

Estas feições geográficas permitem distinguir na Turquia cinco regiões naturais principais:

1. A *Região Costeira egeo-mediterrânea*, a mais importante sob o ponto de vista agrícola dotada de verões quentes e secos, mas com vales profundos nas zonas de *Izmir* e *Adana*. A região cultiva cereais, algodão, figos, uvas, azeitonas e fumo. As encostas do *Taurus* são matosas de coníferas e de árvores decíduas. Pratica-se muita irrigação e drenagem.

2. A *Região de Mármara*, tradicional passagem da Europa para a Ásia, localiza os famosos *Estreitos* dos Dardanelos e Bósforo. A região é ondulada e numa das colinas, dominou na remota antigüidade, a cidade de Tróia. É uma das áreas de mais antigas e variada habitação humana; por isso, a sua vegetação é quase toda artificial e agrícola. Além das culturas mediterrâneas aí cria-se o bicho da seda.

3. A *Região Costeira Pôntica* ou do Mar Negro, estreita orla costeira ao pé dos *Montes do Ponto*, é zona chuvosa, principalmente no inverno, mas seu clima mediterrâneo apresenta belas matas (pinhos, carvalhos, castanheiros, nogueiras) que alimentam a indústria da madeira. Possui minas de carvão perto de Eregli. Sinope e Samsun são seus portos.

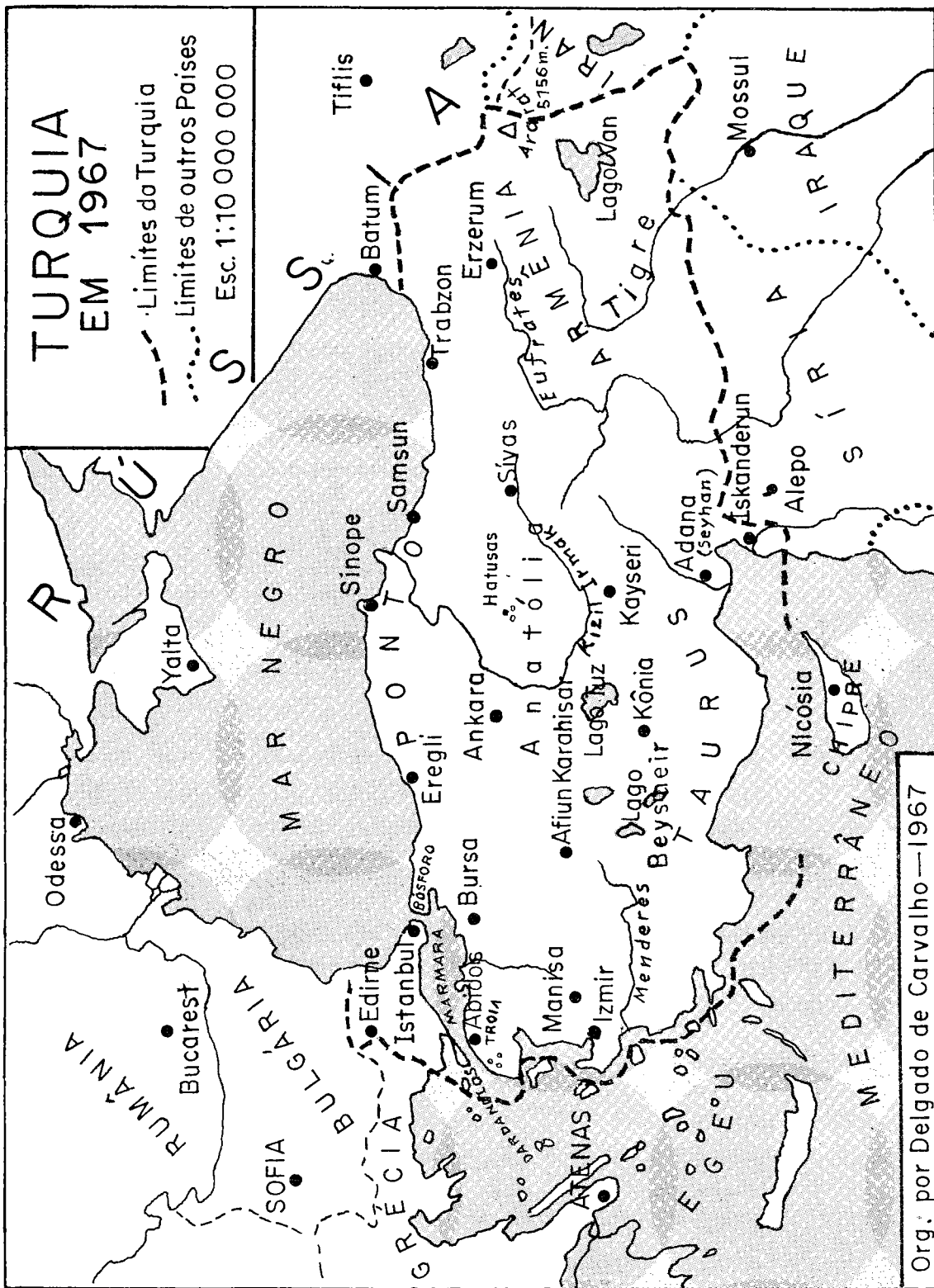
4. A *Região Planáltica Central da Anatólia*, bacia interior com orlas montanhosas, semi-estépica, de lagos de água salobra (Tuz, Beysheir) descendo gradualmente para o Egeu. É zona dos pastores nômades, de solo pobre por deflação. Aí criam-se cabras e carneiros; tecidos de lã e tapetes são as principais indústrias. Embora seja região de maior importância econômica, é Anatólia a pátria do povo turco que dominou em três continentes. Para aí, por isso, foi transferida a sua capital,

TURQUIA EM 1967

· Limites da Turquia

· · · · · Limites de outros Países

Esc. 1:10 000 000



Ankara (700 mil h.); lá existiu Hatu-
sas, capital dos antigos Hititas.

5. A *Região Montanhosa da Armênia*, altiplano onde nascem o Tigre e o Eufrates, de clima rude de vulcões (Ararat) com dois têtços do ano sob neve. Compreende zonas de pastagens com transumância. É nesta região que surgiram os conflitos mais importantes nas guerras russo-turcas e as questões de limites com o Iraque.

Na região de Mária, entretanto, é que surgiram os problemas envolvendo a Turquia e suas relações internacionais com as Potências Européias. O ponto nevrálgico, periodicamente resurgente, é a entrada do Mar Negro e trânsito marítimo pelos *Estreitos*.

2 — A questão dos estreitos

A Turquia euro-asiática é a ponte principal de acesso por terra à *Ásia Menor* e o *Golfo Pérsico*. Por isso, nela foi traçado e construído, em vésperas da Primeira Guerra Mundial a famosa *Estrada de Ferro de Bagdad*, objetivo indispensável visado pelo "Drang nach Osten" dos impérios germânicos, aliados então da Turquia (Alemanha e Austria-Hungria). Os Estreitos, por sua vez, são caminhos de acesso às margens ucranianas do Mar Negro, às bocas do Danúbio, à *Rumânia* e à *Bulgária*, e, evidentemente, a todo o sul da Rússia e norte da Turquia.

Os *Dardanelos* constituem um corredor marinho para o *Mar de Mária*. Sua largura média é de quatro mil metros, reduzindo-se a 1 270 metros no ponto geralmente utilizado pelos invasores asiáticos como os persas de Xerxes (480 A.C.), entre Sestos e Abidos. A extensão do canal é de 60 km, orlado de falejas de fácil defesa; por isso falharam os britânicos em 1915, na sua tentativa contra Galípoli.

O *Bósforo* é mais estreito, mede 1 500 m e 600 m em certos pontos. Uma corrente de superfície leva sempre do Mar Negro ao Mar de Mária. Depois de dois séculos de dominação romana, o Bósforo foi bizantino duran-

te mil anos e hoje é turco há mais de quinhentos anos. O século XIX, entretanto, concentrou nêle as suas mais atentas preocupações.

Dos 780 mil km² que mede a Turquia, apenas 23 000 pertencem à Turquia da Europa, onde residem 2 300 mil dos seus 25 milhões de habitantes. A denominada "Turquia Européia" equivale em área, ao nosso Estado de Sergipe.

A importância geopolítica e estratégica dos Estreitos é a razão pela qual, desde o século XVIII, foram numerosos os tratados internacionais assinados na Europa que fizeram, como cláusula essencial, referência a êles, seja para franqueá-los, seja para fechá-los. A História Diplomática revela as sucessivas e contraditórias soluções que foram dadas ao acesso do Mar Negro, variando os dispositivos segundo a força naval e militar da Rússia e da Grã-Bretanha.

Em 1774, no *tratado de Kainardji* foi consagrado o direito de expansão russa no Mar Negro e nos estreitos, livres para ela exclusivamente. Em 1806, a diplomacia francesa de Sebastiani obteve da Turquia o fechamento aos navios de guerra russos. No *Tratado de Andrinopla* (1829) estipulou-se a dispensa de visita a bordo dos navios russos, mas no *tratado de Unkiarr-Skelessi*, a Rússia, virando protetora dos turcos, obteve uma cláusula secreta que proibia o acesso ao Mar Negro a navios "estrangeiros". Em 1841, a primeira *Convenção dos Estreitos* os fechava, reservando o direito turco de autorizar pequenos barcos para as legações. Durou o regime até o *Congresso de Paris* (1856) que fechou de vez os Estreitos e o Mar Negro a todo navio de guerra. Quando, em 1870, a França foi derrotada pela Alemanha, o czar russo considerou-se desligado das restrições de Paris. Assim ficou o regime até a Primeira Guerra Mundial na qual entrando a Turquia em guerra contra os Aliados, foi-lhe imposto o *Tratado de Lausanne* (1923) que desmilitarizava pura e simplesmente largas zonas turcas de ambos os lados

dos Estreitos e uma faixa limitrofe da Turquia com a Grécia e a Bulgária (rio Maritza). Era estabelecida então uma *Comissão de Contrôlo*.

Quando foi invadida a Abissínia pelos italianos e os alemães reocuparam a Renânia, a Turquia apelou para uma retificação do tratado de 1923, visto que, desmilitarizada, não estava em condições de se defender numa época em que os pactos estavam perdendo autoridade e aplicação. Em 1936, na *Conferência de Montreux*, foi finalmente fixada a liberdade de navegação, em guerra ou em paz, a todos os navios mercantes; quanto aos navios de guerra cabe à Turquia fechar os Estreitos em tempo de guerra ou mesmo em tempo de paz, se há ameaça de guerra. Tornou-se assim a República Otomana a guardiã dos Estreitos, situação que soube manter com a sua neutralidade na Segunda Guerra Mundial. Com o declínio de importância do Mediterrâneo, a questão dos Estreitos é menos discutida.

3 — Democracia e parlamentarismo

Ao terminar a Primeira Guerra Mundial, os governos dos Estados vencedores se dispuseram, pelo *tratado de Sèvres* (1920) a desmembrar a Turquia, criando novos Estados nas suas possessões do Oriente-Médio e submetendo a Anatólia à ocupação e ao protetorado greco-francês, britânico e italiano, segundo uma partilha das zonas. Contra esta situação humilhante, levantou-se a forte personalidade de *Mustafá Kemal* que, além de obter vitórias militares contra os gregos ocupantes de *Smirna* (batalha de Afiun-Karahissar), conseguiu restaurar um Estado em via de desagregação completa, apelando para o patriotismo otomano. Como disse o professor Karpát “operou-se então uma das maiores revoluções do nosso tempo.” Em quinze anos, sob um *regime autoritário*, esclarecido e progressista, Mustafá Kemal foi auxiliado pela grande maioria do povo que o compreendia e seguia. Foram então efetuadas as reformas

para o estabelecimento de um regime constitucional de tipo ocidental, pois, além da monarquia, tinha desaparecido o *califado*, isto é, o laço religioso dos povos muçulmanos.

Em política interior, foi instaurada a *República* (abril 1924) abolida a poligamia e fixado o casamento civil, adotado o alfabeto latino, abolidas as ordens religiosas e as “concessões” estrangeiras. Foram elaborados os códigos civil, penal e comercial; tornou-se obrigatório a adoção de um nome de família e proibido o uso tradicional do *Féz*. Foi porém mais decisivo ainda o impulso dado ao *desenvolvimento econômico* do país (Banco Central da República), tarifas protetoras da indústria, estradas de ferro nacionalizadas, Plano Quatrienal de 1934).

A Constituição turca de 1924, votada pela *Grande Assembléia Nacional* estabelecia o equilíbrio dos poderes entre uma Assembléia e a Presidência com os seus ministros. Adotava o regime parlamentar com ministério coletivamente responsável. A legislatura era de quatro anos. Em realidade, o governo de Mustafá Kemal não conheceu lutas partidárias, pois só existia então o *Partido Republicano Popular*. Seu sucessor, Inonu, também governou com o mesmo partido, pois só em 1950, surgiu o *Partido Democrático* fundado por Bayar. O *parlamentarismo* do tipo ocidental, sob os sucessores de Kemal, revelou-se pouco adequado à situação da Turquia cujas formas tradicionais, usos, costumes e valores haviam sido tão rapidamente abolidos; só mesmo o prestígio do Ataturk tinha conseguido iniciar no país uma nova sociedade, um regime modernista. Mas as críticas da elite, os movimentos de opinião e a oposição estavam, durante o mandato presidencial Bayar, desmoralizando o regime, porque se davam violações de direito, abusos de força repressiva e outros desmandos, todos tidos como crimes de traição, que determinaram o *golpe militar* de 1960. A côrte Suprema condenou o Presidente Bayar e vários de seus auxiliares no governo. Alguns

foram mesmo executados, como foi o caso do primeiro ministro Adnan Menderes e de seus colegas das Finanças e do Exterior.

4 — Novos rumos

A Revolução de 1960, levada a efeito pelas forças armadas, colocou à frente da nação o general Cemal Gürsel e, pouco depois dissolveu-se o Partido Democrático, ressurgindo porém sob o nome de *Partido-Justiça*, liderado por Suleiman Demirel. No governo de coligação, continuava o Partido Republicano Popular, mas suspeito de esquerdismo, de “estatismo” e de desinteresse pelas questões econômicas.

Foi então elaborada uma nova *Constituição* (julho 1961) declarando a Turquia um “Estado nacionalista, democrático e leigo, constitucionalmente social”. Comporta uma *Assembleia Nacional* (450 membros) um *Senado* (150 membros), um Presidente com mandato de sete anos. A nova Carta estabelece melhores condições de equilíbrio político entre os poderes, admite oposição organizada. Nela o parlamentarismo limita as crises políticas a duas quedas de ministério, além das quais novas eleições podem ser convocadas. As modalidades do código eleitoral abrangem a representação proporcional. À Assembleia Nacional cabe julgar os casos de responsabilidade criminal do Presidente (impeachment).

Surgiram vários *partidos*, mas predominaram sempre o *Partido Republicano Popular* e o *Partido-Justiça*, dominado por uma elite mais jovem e mais liberal, porém decidido a intensificar as atividades econômicas e a estimular as empresas particulares. Este partido liderado por Demirel, é o da classe média em ascensão e da classe rural, o que não deixa de lhe trazer certo conservantismo.

As *eleições de 1965* foram muito favoráveis ao Partido-Justiça que obteve 53% do voto popular. O primeiro Ministro *Inonu*, que tinha sido o sucessor de Kemal na presidência da República, teve de se demitir quando seu

orçamento não foi aceito pela Assembleia; chegou então a oportunidade de se constituir um gabinete de coligação com uma maioria de ministros do Partido-Justiça.

As eleições presidenciais de 1966 levaram à presidência *Cevdet Sunay* e este, por sua vez, chamou à frente do ministério Suleiman Demirel. Em setembro do mesmo ano, falecia o general Gürsel. Sob a vigilância não-intervencionista das forças armadas, a Turquia parece ter chegado a uma situação interior de equilíbrio e estabilidade.

Favorece esta estabilidade o *desenvolvimento econômico* que, de 1960 para cá, está se processando na Turquia atual. O plano quinquenal de 1963, em vez de concentrar quase exclusivamente os esforços nos *setores industriais*, atribuiu porcentagem maior à *agricultura*, dentro do programa geral de quinze anos. O auxílio anual do exterior foi elevado a 350 milhões de dólares.

Nestes últimos anos cresce de modo promissor a produção de petróleo, de cromo, de carvão, de chumbo e de ferro. Mas as principais exportações são de fumo, de frutas e de algodão. Marcam bem os progressos da produção turca os dados relativos ao seu comércio exterior. De 1959 a 1964, as *exportações* passaram de 990 milhões de libras-turcas a 3 bilhões e 700 mil — mas as *importações* também cresceram de 1 315 mil a 4 878 mil libras-turcas, o que demonstra uma fase econômica de aparelhamento. São os Estados Unidos e a Alemanha Federal os seus dois maiores fornecedores.

5 — Relações internacionais

A política exterior da Turquia republicana, desde seus primeiros passos, tem-se revelado prática e *realista*. Seduzidos pelo militarismo alemão, os seus governantes monárquicos tinham-na embarcado na Primeira Guerra Mundial, onde somente tinha a perder, mesmo com a vitória dos impérios centrais, seus aliados. A coragem audaz de Mustafá Kemal, em boa hora,

a levou a enfrentar todos os Aliados vitoriosos, sem encontrar apoio de qualquer Potência. O tratado de *Lausanne* foi a sua primeira vitória diplomática. Em suma, só quinze anos depois, foi a Turquia tratada com maiores atenções, quando, em *Montreux* (1936) foi-lhe restituído o direito de fortificar os Estreitos.

Tendo tradicionalmente servido de pomo de discórdia entre a Grã-Bretanha e a Rússia, o famoso “homem doente” acabou gozando de certa saúde ao recolher-se na *neutralidade*; fato êste que se concretizou durante a Segunda Guerra Mundial. Isto, entretanto, nunca impediu o comércio, os usos e as idéias de nôvo regime de se acharem mais em contato e harmonia com o *Occidente*.

Quando em 1947, as questões balcânicas se tornaram de especial interesse para a expansão do comunismo italiano, a *Doutrina de Truman*, que substituía o amparo britânico pelo seguro americano, envolveu a Turquia, a Grécia e o Iran na órbita de seus interesses internacionais.

A década de 1950-60 foi particularmente significativa na história diplomática da Turquia: em 1952, ela se tornava “Potência do Atlântico” ao entrar na OTAN cujo “comando do Sudeste” foi localizado em Izmid. O *Pacto de Bagdad* (1955) que unia a Turquia ao Iraque recebeu a adesão da Grã-Bretanha, do Paquistão e do Iran, em 1959, tornando-se conhecido sob o nome de C.E.N.T.O. assinado em *Ankara*. Daí resultaram melhoramentos nas estradas e nos portos turcos (Iskaderun, Trabzon) assim como na produção agrícola e pecuária. No mesmo ano de 1959, foi assinado um acôrdo de assistência com os Estados Unidos. Em 1964, tornava-se a Turquia membro associado do *Mercado Comum Europeu*.

Os nôvos rumos seguidos pelo movimento político que triunfou em 1960 em nada alteraram o *princípio de neutralidade* que mantém o governo de

Ankara. Entretanto, com o seu pragmatismo característico, a política exterior da Turquia se amolda a todos os aspectos internacionais em constante mudança. Desde 1964, vão se multiplicando as *visitas* que estadistas de projeção na diplomacia têm feito a *Moscou* e a *Ankara* (Podgorny, Gromyko e outros). As eleições de 1966 não tinham incluído a política externa nos seus temários de partidos. A Turquia, em consequência, continua mantendo quartéis gerais do Centro em Ankara e da OTAN em Izmir, dezesseis divisões e sua aviação à disposição desta organização, mas se afastou, em 1965, da frota multinacional à qual havia aderido a convite dos Estados Unidos.

Uma das feições mais salientes da História Moderna, é a rivalidade que sempre existiu entre a *Turquia dos Sultões* e a *Rússia dos Czares*: o estado de guerra era quase permanente. Com Stalin, a hostilidade persistiu: o César comunista tudo tentou para obter, em 1945, a revisão do tratado de Montreux, o que aliás não obteve. De seu lado, já havia denunciado o *Tratado de Amizade e Neutralidade* de 1925 que existia com a Turquia.

Depois da morte de Stalin, apagou-se a má vontade russa e melhorou a atmosfera russo-turca. Uma das causas desta mudança foi a cessação da “Guerra fria”; outro motivo foi a desilusão causada pela falta de apoio dado pelos Estados Unidos às pretensões turcas no caso de *Chipre*. Êste porém é um problema que só provisoriamente está resolvido pela intervenção das *Nações Unidas*. A “Grande Ideia” grega é a *enoxis*, isto é, a pura e simples união à Grécia e o ponto de vista turco consiste em estabelecer um *Estado Federal* na ilha onde a minoria turca representa apenas 18 por cento da população da ilha que se mantém como república independente dentro da *Comunidade Britânica de Nações*.

(Outubro-1967)

O IRAQUE NO MUNDO ARABE

THEREZINHA DE CASTRO

Geógrafo do IBG.

1 — O mundo muçulmano

Os muçulmanos formam uma comunidade que atingiu cerca de 1/7 da população do Globo. Este mundo político muçulmano que se estende por uma zona árida e semi-árida, ocupa um território contínuo com uma largura de 2 000 a 3 000 km alongando-se por cerca de 10 000 km; pode-se afirmar que forma por isso um continente intermediário entre a Europa, Ásia e África. Hoje, este continente muçulmano não se constitui apenas numa das encruzilhadas do mundo, mas também num dos importantes centros econômicos, por possuir pouco mais da metade das reservas petrolíferas do Globo.

De um modo geral, o mundo muçulmano encerra 5 grandes grupos étnicos e lingüísticos. O Islan, que aspira hoje a unidade política e religiosa começou entre os árabes; estes se espalharam, de um modo geral, pelo Oriente Médio e Norte da África, onde se encontram com o grupo *bérbere*. Os iranianos são herdeiros de prestigiosa civilização antiga que, englobada no mundo muçulmano, formam um grupo étnico e lingüístico à parte. Os turcos formam outro grupo e, uma vez convertidos em adeptos de Maomé, tornaram-se os campeões do islamismo ortodoxo; conservam, apesar de integram o mundo muçulmano, sua civilização particular. Finalmente, o 5.º grupo formado pelos *indus*, convertidos pelos turcos e que hoje são uma minoria na Índia.

O Iraque é, ao lado do Iran e Yemen, um dos principais estados muçulmanos onde domina a seita *chüta*,

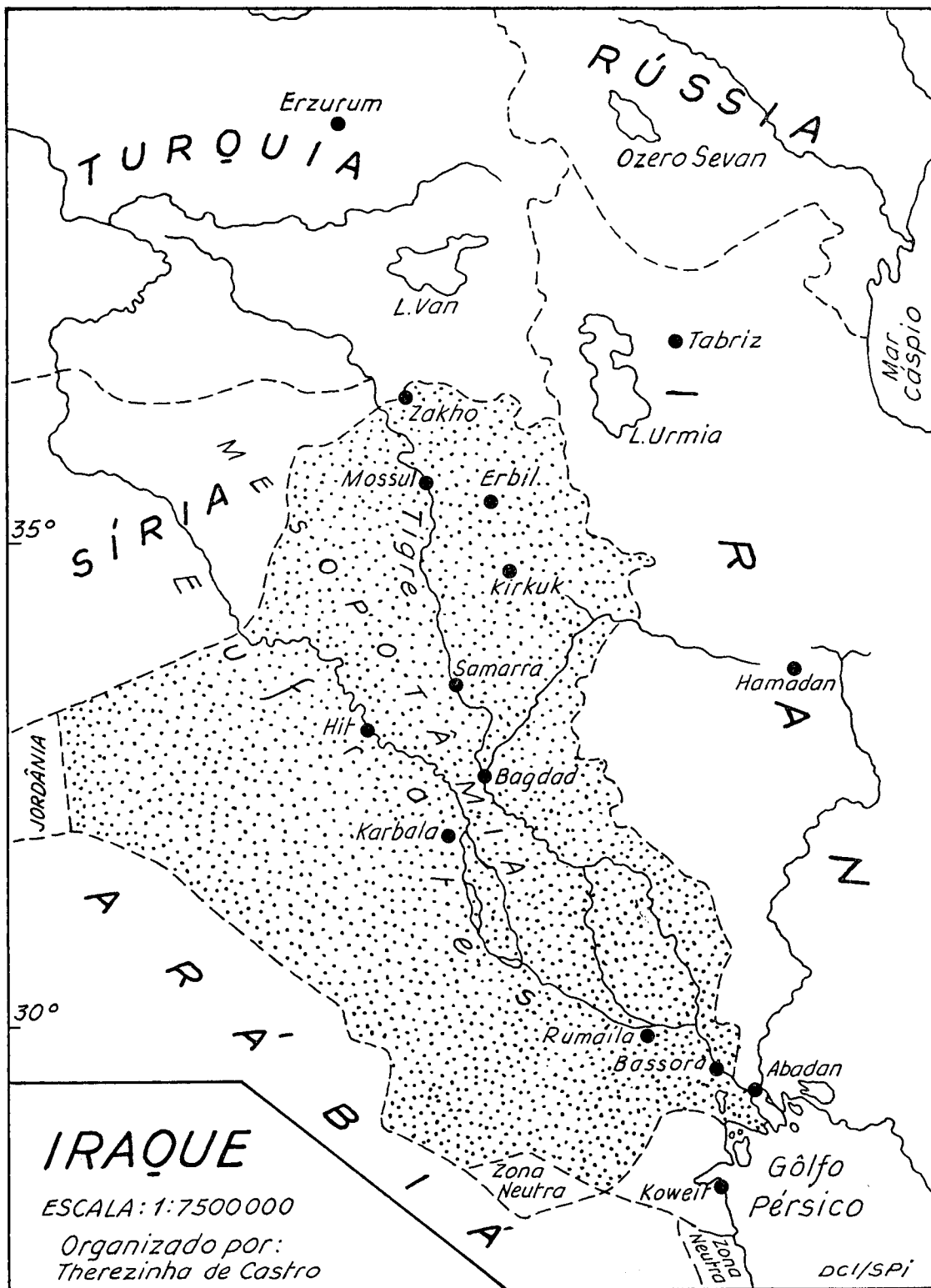
ao lado de uma minoria *sunita*. As duas seitas não são separadas por nenhuma oposição de dogma, mas sim por divergência litúrgica; os *chütas* só reconhecem nos descendentes de Ali, primo e genro de Maomé, o legítimo direito de ascender ao califado.

2 — Regiões naturais do Iraque

O Iraque faz parte do histórico *Crescente Fértil*, constituindo-se numa região de estepes, mais ou menos irrigadas por dois grandes rios. Estes rios, o *Tigre* (1 850 km) e *Eufrates* (2 800 km) nascem no planalto da Anatólia na Armênia e, ao entrarem no território iraquiano, correm mais ou menos paralelos um ao outro para se juntarem a 175 km da foz. Unidos, tomam o nome de *Chat-el-Arab* que vai desembocar na pequena península de Khor-Abdulah, zona formada por um delta que constitui o pequeno litoral do país no *golfo Pérsico*.

A planície da Mesopotâmia é o traço característico da paisagem geográfica do Iraque. Ela pode, neste país, ser dividida em duas partes, tomando-se Bagdad como ponto central da linha divisora:

a) A planície da Alta Mesopotâmia ou *Djeziroh* limita-se ao norte com os contrafortes do planalto da Anatólia que lhe servem de fronteira com a Turquia. Esta região natural apresenta-se com um clima continental; a elevada pressão atmosférica faz com que as precipitações sejam aí as mais elevadas do país (200 mm de chuvas) que vão se reduzindo à medida que se caminha para o sul.



b) *A planície da Baixa Mesopotâmia* formada pelas aluviões trazidas pelo Tigre e Eufrates, continua crescendo, já que avança por sobre o golfo Pérsico anualmente entre 25 e 50 m de terreno. A região aí apresenta aspectos distintos: durante o inverno recebendo águas dos rios temporários apresenta-se cortada por numerosos canais naturais em todos os sentidos; aos poucos, estes vão desaparecendo para deixarem em seu lugar lagunas e pântanos cuja profundidade nunca ultrapassa 2 metros (é o período da primavera); em seguida, na outra metade do ano o solo torna-se árido, seco e poeirento.

3 — Mesopotâmia: aspecto econômico e social

Os historiadores colocam as duas civilizações mais antigas, que floresceram entre os anos 4 000 e 300 A.C. no Egito e Mesopotâmia. Ambas as civilizações, estabelecidas em vales localizados no meio de uma zona desértica, constituíam assim um espécie de *oásis de extensão e fertilidade sem rival*. No entanto, o Egito era melhor protegido contra as invasões externas, já que os desertos que os cercavam a leste e oeste eram quase que intransponíveis; os que cercavam a Mesopotâmia já não apresentavam tais características, daí ter a região sofrido constantemente a ação de tribos invasoras. Esse fator fez com que no Egito se formasse muito mais cedo o desejo de unificação, considerado como imprescindível à vida feliz dos habitantes; já na Mesopotâmia, as sucessivas invasões haveriam de gerar a instabilidade dos impérios criados pelos sumerianos, babilônios, assírios e caldeus.

Os *desertos do oeste* constituem a parte menos elevada do planalto Sírio-Arábico; é a região por excelência dos *beduínos nômades*, criadores de camelos e carneiros que, durante o inverno estão nas pastagens do sul em território da Arábia Saudita e no verão, buscam as pastagens nas proxi-

midades do Eufrates. Esses beduínos percorrem ainda as planícies da Alta Mesopotâmia. Nos vales encaixados desta região nota-se a vida sedentária de alguns beduínos e *Kurdos*, *agricultores* do trigo duro, cevada, milho, legumes e que possuem também campos de criação, principalmente de búfalos. Habitam as numerosas aldeias estabelecidas nas margens do Tigre e Eufrates em cabanas de palha ou de barro.

O *trigo* predomina nas planícies de Mossul, Erbil e Kirkuk, que constituem o chamado *celeiro do Iraque*. É também na Alta Mesopotâmia que estão as maiores *jazidas de petróleo* do país, onde Mossul destaca-se pela privilegiada situação no cruzamento dos caminhos para o Iran, Turquia e Síria. Os poços de petróleo que se estendem para o norte de Mossul determinaram o estabelecimento de uma *população densa*, vivendo numa série de aldeias dentre as quais a mais setentrional é a de *Zakho*, na fronteira com a Turquia. *Kirkuk* é o mais rico centro produtor de petróleo no espaço geográfico do Oriente Médio; dois são seus oleodutos principais que, partindo daí chegam a El-Mina e Saída no Líbano, a fim de escoarem o produto através do Mediterrâneo.

Na Baixa Mesopotâmia localiza-se a *região agrícola vital do Iraque*, graças às culturas irrigadas. Estas determinaram o agrupamento de 70% das populações sedentárias ou seminômades do país, encontradas a partir de Samarra, ao norte de Bagdad no Tigre, e de Hit, no Eufrates; estas vivem do cultivo do arroz e, para o sul de Bagdad, nos bosques de tamareiras. Os vales, na Baixa Mesopotâmia não são encaixados, possibilitando assim os canais de derivação para a irrigação dos campos de arroz, enquanto as tamareiras bordejam às margens dos rios e canais.

As *tribos árabes chiitas* (muçulmanos sismáticos) formam a grande maioria da população da Baixa Mesopotâmia, sendo seminômades quando criadores e sedentários quando agricultores. Os agricultores sedentários,

denominados *fellahs*, habitam cabanas de palha ou adobe em aldeias estabelecidas nas pequenas elevações ou isoladas no meio dos pântanos, nos baixos vales do Tigre e Eufrates. Estes *fellahs* são explorados por chefes nômades que constituem em espécie de senhores feudais de grandes propriedades. Forma esta última classe uma minoria árabe da seita sunita (muçulmanos ortodoxos) que na realidade são os dirigentes do país. Os burgueses sunitas, deixando os *fellahs* no campo, vivem em Bagdad e nas grandes cidades do Iraque como ricos comerciantes e políticos influentes, governando o país com o apoio dos grandes chefes ou *sheiks* das tribos beduínas.

4 — Problemas atuais: a reforma agrária e o petróleo

O Iraque possui um *território áravel de grande potencialidade*, no entanto, é um dos menos evoluídos do *Crescente Fértil* no setor agrícola. O solo é rico, mas vastas áreas só podem ser cultivadas com a abertura de *canais de irrigação*.

O *Departamento de Desenvolvimento* (em árabe Majles Al Imar) criado em 1950 como órgão do Estado para, através de *planos quinquenais* cuidar do desenvolvimento econômico do país, possui para tal 70% dos recursos petrolíferos. Ao lançar as bases do seu *1.º plano de reconstrução econômica*, observaram os técnicos que o *subdesenvolvimento industrial* do país contribuía para assegurar a preponderância dos grandes proprietários sobre os *fellahs*. Os *fellahs*, nada mais eram que simples arrendatários que pagavam com grande parte da colheita ao administrador ou *sirkal*, encarregado de dirigir os negócios do proprietário absenteísta. As más colheitas deixavam sempre os *fellahs* endividados e, como uma *lei de 1933* os impedia de abandonar o campo nestas condições, eles foram se tornando praticamente servos. Assim sendo, tôdas as *tentativas de reforma agrária* iniciadas a partir de 1951, visando criar nas grandes

propriedades setores de colonização, falharam em virtude da oposição dos latifundiários. O poder dos árabes sunitas aliados ao dos nômades beduínos se exerce nos quadros de um estado artificial, onde faltam a unidade geográfica e étnica, contribuindo para a divisão dos eventuais opositores políticos.

Em 1958, uma lei agrária limitava as grandes propriedades a *1 000 dunums* (250 hectares) nas zonas de irrigação natural e em *2 000 dunums* (500 hectares) nas áreas de irrigação artificial. Neste mesmo ano, tem início a primeira das revoluções políticas que sofreria o Iraque nos últimos anos; o país abandonaria o seu regime monárquico pelo republicano, com a morte do rei Faissal II. O golpe fora chefiado por *Abdul Karim Kassem* que proclamou sua nova política de neutralismo positivo, anti-imperialismo e solidariedade afro-asiática. Na realidade, o neutralismo de Kassem era o de *hostilidade ao ocidente*; por isso, em dezembro de 1961 rompia negociações com o grupo estrangeiro (formado por membros de países ocidentais), que dirigia a "Iraq Petroleum Company". Aproximou-se dos países do bloco soviético através de acôrdos culturais e, dando liberdade de ação aos comunistas, facilitou a infiltração desses elementos no govêrno, escolas, sindicatos e setores de propaganda (rádio e jornal). A burguesia que em Mossul chegou a ser atacada em suas casas por um grupo comunista, tratou de retirar seu capital do país. Daí a decadência que se fez sentir no setor econômico durante o regime Kassem, embora algumas fábricas tenham sido instaladas no Iraque por técnicos e capitais comunistas.

Após descontentar os burgueses de seu país, Kassem tocou num dos *portos vitais da Liga Árabe*. Procurando atrair o *Koweit* a fazer parte territorialmente do Iraque (junho de 1961), lançou contra si a desconfiança da maioria dos países árabes, protetores da soberania deste pequeno território

encravado entre o Iraque, Arábia e Golfo Pérsico, riquíssimo em petróleo.

A 2.^a *revolução* (fevereiro de 1963) depôs e fuzilou Kassem. Iniciava-se o governo do então *coronel Abdel Salam Aref* que tratou de aproximar-se do Egito de Nasser; nacionalizando em seguida (julho de 1965) os bancos e várias indústrias do país.

O 2.^o *plano quinquenal* a ser pôsto em prática pelo nôvo governo militar para o período de 1965-70 destinou, dos investimentos totais, 28% para o incremento da agricultura, 28% para a indústria, 17% para transporte e comunicações e 7% para energia elétrica.

Os lucros advindos da exploração do petróleo constituem ainda um desvio no sentido do melhor aproveitamento agrícola do Iraque; a mão-de-obra prefere êste setor, ao campo. Várias são as companhias que exploram o petróleo iraquiano. A maior delas é a "Iraq Petroleum Company", com sede em Kirkuk, explorando poços nas áreas adjacentes. A "Mosul Petroleum Company Ltda." tem concessão nos campos petrolíferos do oeste do rio Tigre e ao norte do paralelo 33. A "Basra Petroleum Company" trabalha nos campos do sul; o pôrto de Bassora, sede desta companhia, monopoliza o comércio interior do Iraque, sendo também a estação terminal dos principais troncos ferroviários do país.

Em 1966 o maior fornecedor de petróleo do Brasil foi a Venezuela, seguida pela Rússia. No entanto, 46% de nossas importações ficam na dependência do Oriente Médio, sendo o Iraque, ao lado da Arábia Saudita um dos nossos maiores fornecedores (vide quadro estatístico n.º 3).

A *tensão no Oriente Médio* com a não resolução da questão de Israel, pode prejudicar as importações brasileiras. Se os países árabes, entre êles o Iraque, deixam de nos suprir, a grande beneficiária será a Venezuela já que a Petrobrás não poderá continuar a pôr em prática o seu plano de concorrência internacional e contratos a curto prazo. A Petrobrás, que detém

o monopólio das importações, com esta sua política conseguiu obter preços bem favoráveis: em 1963 pagou por barril US\$ 2,21, em 1966 êsse preço caía para US\$ 1,96.

Enquanto a questão do Oriente Médio estiver em suspenso, a Petrobrás estará tratando de *aumentar consideravelmente a produção brasileira de petróleo*; por isso, fomos o país que no mundo, mais aumentou a sua produção entre os anos de 1965/66 (vide quadro estatístico n.º 4). A produção brasileira conta para isso com 95% dos *campos baianos* e o restante da área *Alagoas — Sergipe*. Há no momento perspectivas animadoras para aumentarmos ainda mais a nossa produção com os trabalhos que se vem realizando nas bacias sedimentares de Carmópolis, o primeiro campo em unidade da América do Sul e de teor olífero tão rico quanto o do Kowit.

Já a principal empresa exploradora do petróleo iraquiano e quicá do Oriente Médio é a "Iraq Petroleum Company", controlada por *um truste internacional* formado pelos Estados Unidos, Inglaterra, França, Holanda e Alemanha Ocidental (vide quadro estatístico n.º 5). O objetivo do Iraque é o de *dividir os grupos integrantes* desta companhia, já que não tem forças suficientes para dissolver o truste. Por isso enfrentou séria *crise interna em princípios de 1967*, quando a Síria resolveu fechar a terminal de Baniyas que leva através de seu território o petróleo de Kirkuk; o objetivo era *estimular a esquerda iraquiana a exigir a nacionalização* do produto.

A *fim de neutralizar a tendência inglesa e estadunidense* principalmente, resolveu o governo iraquiano valer-se das *ricas jazidas da Rumáila* a fim de enfrentar o truste. Aproximou-se para isso da "Compagnie Française de Pétrole" (uma das componentes do grupo) oferecendo-lhe a Rumáila para obter assim as melhores condições que pleiteia da "Iraq Petroleum Company". A concorrência francesa explotando essas jazidas que dentro de 3 anos po-

deriam estar produzindo 35 milhões de toneladas anuais, ou seja, quase a metade da produção iraquiana atual levaria o truste a ceder melhores condições ao governo local. Mas a companhia francesa não se mostrou disposta a alimentar o *jôgo oportunista de De Gaulle no Oriente Médio*, pois para isso teria que se inimizar com as demais empresas petrolíferas.

Aproximando-se da *empresa estatal italiana de petróleo* — a ENI, o governo do Iraque também ofereceu-lhe a exploração das jazidas da Rumáila; no acôrdo discutido durante meses, os italianos tinham que se comprometer do completo afastamento das principais empresas petrolíferas ocidentais. A guerra que estalou no Oriente Médio, serviu para mostrar ao governo italiano que não se devia afastar dos ocidentais.

A *Rússia* por sua vez não aceita a participação dos ocidentais na exploração do petróleo nesta região. Embora os russos apoiem os árabes contra os israelenses, a grande dificuldade de sua aproximação com os primeiros está na religião; os muçulmanos aceitam um socialismo teórico, mas nunca o materialismo marxista. Procuram por isso os russos, abalar as companhias ocidentais estabelecidas no Oriente Médio, lançando seu petróleo no mercado a preços competitivos; o Brasil, por exemplo, graças ao preço mais baixo do petróleo russo já entrou neste mercado (vide quadro estatístico n.º 3).

Assim sendo, podemos concluir que o Iraque tendo em seu subsolo *grande riqueza petrolífera pouco aumentou a sua produção* (vide quadro estatístico n.º 4). É que o governo iraquiano impediu a exploração das riquíssimas jazidas da Rumáila promulgando a lei 97; estas anteriormente faziam parte de uma concessão provisória feita a "Iraq Petroleum Company". Por outro lado procurando pôr em prática uma reforma agrária mal orientada, *estacionou o desenvolvimento da agricultura* que bem poderia ocupar lugar de importância na economia do país.

5 — Situação política atual

Bagdad, o coração da Mesopotâmia, no centro do país a 550 km do gôlfo Pérsico, é importante centro comercial e escala de navegação fluvial; como capital do Iraque, continua a ser o núcleo de irradiação política representando papel de destaque, por sua posição, no conjunto do mundo muçulmano.

A *Constituição de Aref* transformou o Iraque num estado socialista democrata, colocando o poder, executivo em suas mãos; um Conselho de Ministros, presidido por *Bazzaz* o auxiliava no governo. Os militares estavam proibidos de se organizarem em grupos políticos.

Em abril de 1966 Aref morria num desastre de helicóptero e seu irmão, o *General Abdel Rhaman Aref* era eleito presidente. No comêço do governo do 2.º Aref, *Bazzaz* continuando como Primeiro Ministro, procurou dirigir o país para a tutela de um poder civil. Considerado direitista, *Bazzaz* teve que renunciar (agosto de 1966), sendo substituído pelo *General Najî Taleb*, considerado como um dos propugnadores da República Árabe Unida e do socialismo árabe.

QUADROS ESTATÍSTICOS

Área — 444 442 km²

População — 8 261 527 habitantes (Censo 14 de outubro de 1966)

1) População das cidades (1965)

Bagdad.....	410 900
Mossul.....	215 900
Bassora.....	175 700

2) Produção Agrícola (1965) em toneladas

Trigo.....	1 005 000
Cevada.....	807 000
Tâmara.....	350 000
Arroz.....	198 000
Fumo.....	10 000

3) *Principais Exportadores de Petróleo para o Brasil (1966) em toneladas*

Venezuela.....	3 208 651
Rússia.....	2 283 999
Arábia.....	1 967 411
Iraque.....	1 952 105
Koweit.....	1 286 086

4. *Estimativa da Produção de Petróleo dos Países que mantêm comércio com o Brasil (em milhares de toneladas)*

PAÍS	1965	1966	% do aumento 1965/66
Brasil.....	4 447	5 750	+ 28,5
Arábia.....	99 596	117 000	+ 17,5
Koweit.....	107 323	114 300	+ 5,5
Iraque.....	64 533	67 000	+ 3,9
Venezuela...	181 099	175 850	— 2,9

5. *Divisão de produção da "Iraq Petroleum Company"*

Standard Oil e Sconi	estadunidense	23,3/4
British Petroleum	inglês	23,3/4
Shell	holandesa, alemã e estadunidense	23,3/4
Compagnie Française des Pétroles	francesa	23,3/4
Grupo Gulbenkian	—	5%

FONTES: Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda — BC Semanal — The Economist — Almanaque Mundial 1967 (Seleções do Reader's Digest) — The Statesman's Year Book 1966/67.